

Robert Prevost é eleito 1º Papa norte-americano

Líder de 1,4 bilhão de fiéis pelo mundo, Leão XIV agradeceu a Francisco e falou da necessidade uma Igreja sinodal

/ VATICANO

Com seu mote “In Illo unum” (No único Cristo, somos um), que reflete a visão de uma Igreja unida, o cardeal americano Robert Francis Prevost, 69 anos, é o novo Papa Leão XIV. Depois de ver a fumaça branca sair da chaminé da Capela Sistina, a multidão que lotou a praça São Pedro ouviu o anúncio do “Habemus Papam” e, por fim, o nome que Prevost escolheu para ser o 267º chefe da Igreja Católica. Em uma decisão surpreendente do conclave, o Vaticano tem seu primeiro pontífice dos Estados Unidos na história. Ele será o líder de 1,4 bilhão de fiéis ao redor do mundo.

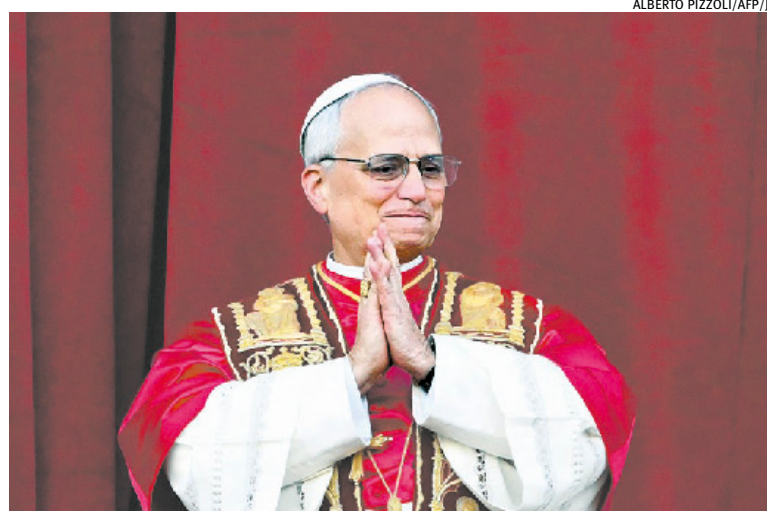
Em seu discurso na sacada da basílica, o novo Papa agradeceu a Francisco e falou na necessidade de uma Igreja sinodal. “O mal não vai prevalecer, estamos todos nas mãos de Deus”, disse Leão XIV. “Vamos em frente, somos discípulos de Cristo. O mundo precisa de sua luz, a humanidade preci-

sa dele. Ajudem também vocês a construir pontes, com o diálogo, para sermos um só povo em paz”, declarou.

Ele disse que ser “filho de Santo Agostinho, agostiniano, que disse ‘com vocês sou cristão, para vocês, bispo’”. Proferiu parte de sua fala em espanhol, idioma do qual é fluente por causa de sua experiência missionária no Peru, aonde chegou nos anos 1980, viveu por duas décadas e se naturalizou peruano.

O presidente dos EUA, Donald Trump, comemorou nas redes sociais a decisão do conclave. “Que grande honra para o país”, escreveu. O novo pontífice, porém, tem um histórico de mensagens críticas a políticas da gestão Trump.

Embora seja um país de maioria protestante, os Estados Unidos têm a quarta maior população católica do mundo, com 85,3 milhões de pessoas. Só ficam atrás do líder Brasil, do México e das Filipinas. Também são a segunda nação mais representada



ALBERTO PIZZOLI/AFP/JC

‘Filho de Santo Agostinho’, novo pontífice tem experiência no Peru

no Colégio Cardinalício, com 10 membros, ante 17 da Itália. Apesar desse peso relativo, nunca um cardeal norte-americano havia sido colocado entre os nomes realmente mais fortes de um conclave, e os candidatos de agora corriam por fora.

A ascensão de Leão XIV desfaz a expectativa de que o Vaticano voltasse ao comando de um

européu, após Francisco se tornar o primeiro pontífice latino-americano. Mais especificamente, esperava-se o retorno de um italiano ao poder: o cardeal Pietro Parolin, influente número 2 da Santa Sé, era o favorito.

Nascido em 14 de setembro de 1955, em Chicago, Prevost ingressou no noviciado da Ordem de Santo Agostinho em 1977 e fez os

votos perpétuos em 1981.

Formado em Matemática pela Universidade Villanova, tem mestrado em Teologia pelo Catholic Theological Union, em Chicago, e doutorado em Direito Canônico pelo Colégio Pontifício de Santo Tomás de Aquino, em Roma.

Em 1998, retornou aos EUA para chefiar a ordem agostiniana na sua cidade natal. Dois anos depois, envolveu-se em um escândalo por permitir que o padre James Ray, agostiniano como ele, morasse em um priorado em Chicago. Ray havia sido acusado de abuso sexual de crianças, e o priorado ficava próximo a uma escola. Leão XIV não notificou a escola.

Leão XIV voltou ao Peru em 2014, quando o Papa Francisco o nomeou para a diocese de Chiclayo, no norte do país. Ele se tornou bispo de Chiclayo no ano seguinte e atuou como vice-presidente e membro do conselho permanente da Conferência Episcopal Peruana de 2018 a 2023.

Presidente Lula pede que Leão XIV ‘dê continuidade ao legado do Papa Francisco’

O presidente Luiz Inácio Lula da Silva utilizou as redes sociais para cumprimentar o novo Papa, Leão XIV, eleito na tarde desta quinta-feira para comandar a Igreja Católica. O presidente está em visita oficial na Rússia, onde

participara da parada militar nesta sexta-feira, e segue para a China até a próxima terça-feira.

Na mensagem, o mandatário cumprimenta o cardeal norte-americano Robert Prevost e deseja “que ele dê continuidade ao le-

gado do Papa Francisco, que teve como principais virtudes a busca incessante pela paz e pela justiça social, a defesa do meio ambiente, o diálogo com todos os povos e todas as religiões, e o respeito à diversidade dos seres humanos.”

Ainda na mensagem, o presidente brasileiro disse que não precisamos de guerras, ódio e intolerância. “Precisamos de mais solidariedade e mais humanismo. Precisamos de amor ao próximo, que é a base dos ensina-

mentos de Cristo”, afirmou Lula.

O presidente encerrou a mensagem pedindo que o novo Papa abençoe a todos e “inspire na busca permanente pela construção de um mundo melhor e mais justo.”

Ataques de drones fecham espaço aéreo de Moscou

/ GUERRA NA UCRÂNIA

Ataques de drones da Ucrânia contra Moscou nesta semana causaram o fechamento do espaço aéreo na capital russa nas vésperas das celebrações do Dia da Vitória, nesta sexta-feira. Os aeroportos estiveram fechados durante a quarta-feira e foram reabertos nesta quinta, mas muitos voos continuam cancelados ou estão em atraso.

O último ataque registrado aconteceu na madrugada de quarta, segundo as agências de notícias russas. A Força Aérea da Rússia abateu cerca de nove drones nos arredores da capital, enquanto chefes de Estado, incluindo o presidente Luiz Inácio Lula da Silva, desembarcam para participarem do Dia da Vitória, que este ano marca o 80º aniversário do fim da 2ª Guerra.

Segundo o canal Euronews, cerca de 60 mil pessoas em 350 voos

foram afetadas na quarta-feira pelo fechamento do espaço aéreo. Os ataques aéreos em Moscou se tornaram frequentes durante a guerra na Ucrânia desde que Kiev investiu em drones, a partir de 2023. As autoridades russas aumentaram as medidas de segurança e o presidente Vladimir Putin anunciou um cessar-fogo de três dias a partir desta quinta-feira para as celebrações do Dia da Vitória, mas o risco de ataques permanece. Os dois lados se acusam de violar o cessar-fogo.

No sábado, o presidente ucraniano Volodimir Zelensky disse que não poderia garantir a segurança dos chefes de Estado que estarão presentes em Moscou esta semana. “Nossa posição é muito simples para todos os países que viajam para a Rússia no dia 9 de maio: não podemos ser responsabilizados pelo que acontece no território da Federação Russa”, disse.

A declaração provocou tensões diplomáticas entre os poucos líderes europeus convidados a viajar para Moscou. O primeiro-ministro da Eslovêquia, Robert Fico, chamou as declarações de Zelensky de ameaças. “Respeito plenamente o fato de que a segurança dos participantes é uma questão interna da Federação Russa. Mas se Zelensky acredita que suas declarações forçarão delegações estrangeiras a não comparecerem, ele está profundamente enganado”, afirmou o premiê.

O voo de Fico para Moscou chegou a ser cancelado, mas não por causa do espaço aéreo russo e sim por decisão da Lituânia, que faz fronteira com a Rússia e está na rota dos voos que saem da Europa para Moscou. O presidente lituano Gitanas Nausėda fechou o espaço aéreo do país nesta quarta com a alegação de instabilidade nos sistemas de GPS.

Câmara dos EUA aprova projeto para renomear Golfo do México

/ ESTADOS UNIDOS

A Câmara dos Deputados dos Estados Unidos, controlada pelos republicanos, aprovou nesta quinta-feira, um projeto de lei que renomeia o Golfo do México para Golfo da América e determina que as agências federais atualizem seus documentos e mapas para refletir a mudança.

O presidente Donald Trump já havia assinado uma ordem executiva no primeiro dia de seu mandato, estabelecendo a nova denominação. Agora, os republicanos buscam reforçar seu apoio à medida, embora ainda não seja claro se o Senado concordará. O projeto foi

aprovado por 211 votos a 206. O Golfo, que faz fronteira entre os Estados Unidos e o México, continua sendo uma questão delicada, já que a ordem de Trump só tem validade dentro dos EUA. Outros países, como o México, e organismos internacionais não são obrigados a adotar a mudança.

Os democratas reagiram, argumentando que a votação evidencia a falta de foco dos republicanos nas prioridades da maioria dos americanos. Por sua vez, os republicanos defendem que o nome atual remonta a um período anterior à fundação dos EUA, quando a influência espanhola sobre a América Central e o Caribe era predominante.